

CULTURA VISUAL: AS POTENCIALIDADES DA IMAGEM NA FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO ESPACIAL DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Cultura visual: las potencialidades de la imagen en la formación de espacio imaginario del mundo contemporáneo

Visual culture: the potentialities of image in the formation of imaginary space of the contemporary world

Ana Francisca de Azevedo (PT)

Departamento de Geografia, Universidade do Minho
Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa
e-mail: afaras1968@gmail.com

Resumo

O artigo derivou da conferência de abertura do III Colóquio Internacional "A Educação pelas imagens e suas geografias", proferida pela autora. Apresenta questões sobre como as imagens contemporâneas integram a organização da nossa experiência no mundo, intensificando a noção de cultura visual como parte integrante de uma máquina biopolítica, que se articula e se aperfeiçoa na modernidade, tendo as noções de espaço absoluto e de tempo linear como fundamentos de um regime de visualidade. Discute a tensão instaurada entre as excessivas codificações das imagens e as possibilidades de geografias mais do que humanas. Pontua discussões sobre o caráter das imagens na geografia a partir de uma fotografia de Michael Nasch (1946), apontando elementos de problematização e potencialização.

Palavras-chave: cultura visual; imaginação espacial; geografia contemporânea.



Resumen

El artículo se deriva de la conferencia de apertura del III Coloquio Internacional "A Educação pelas imagens e suas Geografias", proferida por la autora. Presenta preguntas sobre cómo las imágenes contemporáneas comprenden la organización de nuestra experiencia en el mundo, la intensificación de la noción de cultura visual como parte de una máquina biopolítica, articulada y perfeccionado en la modernidad, con las nociones de espacio absoluto y tiempo lineal como fundaciones de un régimen de visualidad. Habla de la tensión que se establece entre las codificaciones excesivas de las imágenes y la posibilidad de geografías mas que humanas. Señale las discusiones sobre la naturaleza de las imágenes en la geografía de una fotografía de Michael Nasch (1946), destacando los elementos de la problematización y potencialización.

Palabras clave: cultura visual; imaginación espacial; geografía contemporánea.

Abstract

The article was derived from the opening conference of the III Colóquio Internacional "A Educação pelas imagens e suas geografias", delivered by the author. Presents questions about how contemporary images comprise the organization of our experience in the world, intensifying the notion of visual culture as part of a biopolitical machine, articulated and perfected in modernity, with the notions of absolute space and time as linear foundations of a regime of visibility. Discusses the tension established between excessive encodings of images and the possibility of more than human geographies. Point discussions about the nature of images in geography from a photograph of Michael Nasch (1946), highlighting elements of problematization and potentialization.

Keywords: maps; visual culture; spatial imagination; contemporary geography.



DA TENSÃO DA PROBLEMÁTICA...

Muito tem sido dito, muito se tem discutido e escrito sobre a cultura visual nas últimas décadas, no mundo acadêmico e fora dele. O número avultado de publicações e artigos que proliferam nas revistas científicas anglo-americanas e bem para além deste nicho totalitário de produção de conhecimento, deve-se, em grande medida, ao modo como as imagens tem vindo a tomar conta das nossas vidas, a tornarem-se, elas próprias, parte integrante da organização da experiência. Muitos de nós tem-se dedicado à problemática da hegemonia do espaço de representação, ao movimento de colonização das diferentes formas de comunicação pela linguagem visual. Mas, a raiz deste movimento crítico a um regime scópico pode encontrar-se muito para trás, muito para além dos autores contemporâneos nossos. Veja-se o trabalho exemplar de Walter Benjamin ou de Siegfried Kracauer, a este propósito, autores que no início do século XX discorreram profunda e visionariamente sobre o fenómeno. Vejam-se os sucessivos movimentos de ruptura encabeçados por impressionistas ou dadaístas, por figuras como Duchamp.

Mais importante ainda, os sinais de alerta relativamente ao poder da imagem chegaram desde muito cedo por parte de culturas atentas às consequências da introdução massiva de sistemas simbólicos que facilmente poderiam tornar-se redutíveis à dependência de tecnologias manipuladas por grupos dominantes. O que também não é novo na história de humanidade, se pensarmos que o domínio da linguagem entronca no triângulo foucaultiano do poder, verdade e conhecimento.

Deixando este primeiro ponto como organizador avançado, retenhamos a ideia de cultura visual como parte integrante de uma máquina biopolítica cujo aperfeiçoamento caracteriza as sucessivas séries de poder desde os alvares daquilo que convencionou apelar-se de modernidade. A tentativa de compreensão deste processo é complexa, nomeadamente porque remete para a génese da construção de um sistema de significados ancorado no trabalho dos grandes mestres da Antiguidade Clássica; a construção de um sistema simbólico organizado através de códigos pictóricos decorrentes da confluência entre arte, ciência e tecnologia, um sistema assente no esforço secular da intertextualidade e concebido para a projecção de uma cosmovisão universalizante. E se digo projecção não é por acaso.

A construção de um sistema de representação assente no efeito de verosimilhança capaz de funcionar como *imago mundi*, assentou na possibilidade de criar um sistema de projecção credível, passível de reduzir o espaço objectual ao espaço de representação. De tornar os territórios concretos da existência, da vivência dos múltiplos e heterogéneos sujeitos, numa superfície homogénea e bidimensional. Este esforço de abstracção turvou-se, para melhor e para pior, na orgia da cultura visual contemporânea.

No delírio da formação de um imaginário geográfico dominante, despercebeu-se o esforço dos seus mestres que, no decorrer da história, desta história, devotaram as suas vidas à tarefa de tornar inteligível a compreensão do mundo e dos fenómenos. Produções situadas.



De Ptolomeu a Leonardo, e por alegadas outras veredas, de Isidoro de Sevilha a Fra Mauro, de Cantino ao Mapa Côr-de-rosa, da lanterna mágica à câmara obscura, o apuramento de uma linguagem visual serviu de base à construção do imaginário geográfico moderno e à consolidação de um imaginário colectivo dentro do qual as categorias kantianas de espaço e tempo ofereceram as bases para a produção de um cronotopo total que governa as nossas vidas; o espaço abstracto e o tempo linear. Mais recentemente a tecnologia analógica veio a integrar este bloco espaço-temporal, a despeito das suas múltiplas dissidências. Perdemos a capacidade de navegar ao largo para nos tornarmos prisioneiros do epíteto de navegadores; icononautas sem terra.

A imaginação, ou a capacidade de engenhosamente criar imagens como parte integrante do código genético de uma espécie, encontra-se cativa de códigos linguísticos que não dominamos, de tecnologias que excedem os nossos próprios corpos. A imaginação tornou-se refém do paradigma do realismo e de um sistema simbólico dentro do qual esgrimimos a possibilidade de integrar as nossas próprias biografias. Neste processo, operou-se a naturalização de identidades, de lugar, de género, de raça, de classe. Através de sofisticados sistemas de classificação e catalogação os sujeitos da acção foram arrumados num onde, num quando e num como ditados de fora e legitimados por conjuntos de imagens que funcionavam como prova científica da verdade das palavras, dos factos e das posições. É que, não podemos esquecer, os aparatos de produção de imagem começaram por ser aparatos de produção da verdade

científica. Veja-se o caso da objectiva. Do microscópio ao telescópio as verdades produzidas são percebidas inquestionavelmente como a verdade das coisas. E este é um aspecto sensível e incontornável que toca a essência do trabalho que produzimos, naquilo que respeita à ética e aos princípios morais que subjazem a nossa própria acção enquanto geógrafas e geógrafos, e que nos precipitam para a necessidade de um debate alargado, rigoroso e prolongado, sobre as bases ontológicas e epistemológicas do conhecimento que produzimos.

DO OUTRO INAPROPRIADO À SIMULTANEIDADE DOS ESPAÇOS DA IMAGINAÇÃO...

Atendamos à recolocação das competências imaginárias de cada indivíduo, a possibilidade de recolocar a imaginação como processo inato de gerar imagens de carácter háptico e não apenas óptico. Isto é, a produção expressiva de significados envolvendo o conjunto dos sentidos e uma miríade de técnicas e tecnologias geradas não somente pelo sujeito qualitativo mas pela rede de interferências convocadas no acto de gerar imagens. Attendamos à reconceptualização da imaginação como capacidade intrínseca de gerar imagens num contexto de liberdade radical, concebendo a imaginação como possibilidade de reacção, uma possibilidade última (e primeira) de reacção a estímulos internos e externos ao sujeito. Uma possibilidade não resgatável.

O sujeito-corpo recebe estímulos sensoriais aos quais reage. A reacção é internalizada por meio da criação de imagens mentais. O contexto em que se encon-



tra inserido fornece ao sujeito sinais, positivos ou negativos, relativamente à validade das imagens produzidas e, neste processo, vai-se procedendo à organização da experiência do ser-mundo, do estar com o mundo. Este processo está inteiramente imbricado nos mecanismos de formação da identidade, na definição dos sujeitos e dos objectos da acção.

Se, num primeiro momento, as potencialidades da imagem são infindas, ao serem mediadas culturalmente este efeito pode ser inibido ou exponenciado de acordo com a amplitude do conceito de cultura adoptado. Se partimos de um conceito em que a produção de conhecimento é percebida como cultura pública, os conjuntos de imagens produzidos por cada sujeito são validados, em plano de equivalência, por mecanismos de interacção simbólica. Cada entidade é colocada em plano de equivalência como sujeito da acção, integrando o circuito de actores e actantes latourianos. Desde este ponto, os processos de formação do imaginário espacial desprendem-se dos ditames de uma noção antropológica ou estética de cultura de acordo com a qual um conjunto de indivíduos eleitos decide sobre a verdade ou falsidade dos fenómenos e das imagens.

A formação do imaginário espacial, por ser reacção e relação, é mecanismo crucial da organização da experiência. Daqui é despoletada a produção de significados partilhados, através da qual se afirma uma cultura, enquanto estrutura de sentimentos. Logo, o caminho está aberto para os processos de negociação dos artifícios de auto-representação. Donde a impossibilidade mesma de formação de um imaginário espacial

monolítico e universal, leia-se global, porque a conge-minação de imagens é em si mesma a acção do sujeito corporizado em relação, é a possibilidade de libertação de emoções e afectos, de reacção ao contacto com o Eu e com o Outro. É o reclamar dos meios de auto-representação, dos princípios de autoria, de autorização dos sujeitos corporizados e multisensoriais. Nela entronca a possibilidade germinal de criação de geografias mais do que humanas.

Ora encontramos-nos num momento delicado se pensarmos que, por outro lado, os processos de criação de imagens tem sido alvo de codificação sistemática, o que, em certo sentido, tem favorecido os processos de comunicação oficial.

DO EFEITO SCÓPICO DO DESEJO À CARNE DO MUNDO...

A ciência geográfica opera como um modelo de conhecimento estabilizado que nos coloca numa zona de conforto no diálogo com os outros e com as outras ciências. A visão, de fora. A perspectiva do sujeito e do objecto. Uma zona de conforto da qual não queremos sair sobretudo porque dentro e fora da academia esta é uma zona de conforto habitada por um colectivo, mormente sob efeito dos discursos científicos e da educação como processo de transmissão de conhecimentos, máquina de reprodução com efeito corroborado pelos ambientes de ecrã. Não podemos esquecer o longo e intensivo processo de aculturação aos códigos visuais e audiovisuais por que têm passado sucessivas gerações



de audiências, na esfera pública e privada, em grande medida através dos aparelhos de educação formal, ao serviço dos impérios, das nações, de doutrinas políticas e religiosas, do capital.

O poder da imagem é demasiadamente apelativo. O nível zero de leitura da linguagem visual é de fácil acesso para uma população alegadamente educada, induzindo a sensação de liberdade e de facilidade de comunicação. Proporciona um sentido artificial de criatividades fáceis, de rebeldia inaudita. A modernidade supera-se pelo efeito de imediatez das imagens traficadas, das imagens em movimento. Pelo sentido de viagem proporcionado e pelo sentido de transposição de um tempo fixo. Este é provavelmente um dos seus maiores paradoxos. Mas, o sentido de movimento proporcionado pelas imagens, encontra-se armadilhado, porque, não sendo nenhuma imagem neutra, ao catapultar para o universo das representações, o trabalho das imagens acorda o inconsciente óptico povoado de mitos e desejos intemporais e a que tantas vezes somos alheios, perturbando o jogo sensorial implicado no encontro com o Outro.

Entrincheirados num sistema de significados culturalmente codificado que compõe a linguagem visual, temos a sensação de que dominamos uma forma de comunicação que nos coloca numa zona privilegiada de contacto, quando, frequentemente, nos bloqueia o acesso directo ao tanto-Outro do sujeito que verdadeiramente se pode tornar revelação. Talvez a perversão máxima deste processo seja a experiência de habitar-mos uma superfície de visualização. A familiaridade com

sinais e composições pictóricas, com as técnicas e tecnologias da mimese e do simulacro, torna-nos cúmplices de um sistema de comunicação que pode ser percebido como falacioso.

É que o sistema de comunicação que resulta da cultura visual e que a produz, vem informado dos vícios do humanismo naturalizando-os para a multidão de usurários do espaço-tempo ficcional dos *gadgets*. O sentido de familiaridade confortável, de proximidade sobranceira, do acesso ao ramo mais elevado da árvore da civilização, proporcionado pelo estar na superfície de visualização, são conquistas frágeis ao nível da substância da comunicação. A falácia lacaniana do estar sem nunca estar, jogando com os limites da impossibilidade de concretização do desejo. A superfície de visualização, conquistada pela mulher, como tão eloquentemente mostraram autoras como Friedberg, facilita o trânsito, mas não tanto a diferença e a emancipação crítica dos sujeitos que lutam pela singularidade, pela subjectividade diferencial, num contexto de transformação cultural em que as identidades híbridas se afirmam a uma escala substantiva e o cidadão sexual reclama os seus direitos como sujeito político.

A superfície de visualização funciona mais eficazmente como engenharia de normalização de comportamentos onde acontecem os momentos de negociação tácita dos princípios, códigos e condutas de heteronormatização no contexto reinante do imperialismo urbano. Os corpos cumprem-se e são cumpridos através dela. O efeito da hiperligação torna as vidas prenhes de sentido, de passagem, paisagem. A paragem é o holocausto. A



paragem do olhar poderia desvelar a diferença objectiva dos sujeitos envolvidos num sistema de comunicação. A complexidade da comunicação. A identificação da falha na cultura apelidada de ocidental, dos sistemas de relações humanas e dos afectos.

Donde a necessidade de pôr sob escrutínio o sistema de relações accionado por via da cultura visual e potenciado pelo aparelho de educação formal, com o infundável desfile de corpos geográficos deslocando-se dos manuais escolares para o *power point*. A problemática das potencialidades da imagem na formação do imaginário espacial do mundo contemporâneo é um dos pontos centrais das agendas científicas ocupadas com o deslindar de geografias diferenciais. Porque a imagem, integrando o universo mais lato da cultura visual, integra a organização e controlo do território e dos recursos, pelo que é necessário perceber a sua fenomenologia. Porque perceber a problemática da imagem é perceber que habitamos uma superfície de visualização com múltiplas saídas mas que tendencialmente paralisa a construção do sujeito crítico auto-consciente. Porque a imagem é parte integrante da tradição de pensamento geográfico de que somos herdeiros, donde a necessidade de rever as suas bases ontológicas e epistemológicas e a forma como opera enquanto modelo de conhecimento do mundo. Porque é urgente proceder à descolonização do imaginário geográfico moderno para dar lugar à construção de imaginários espaciais assentes em outros quadros relacionais e em outras políticas de lugar. Porque a educação para a imagem e suas geografias assume um papel central neste processo de co-produção de

conhecimento e de co-construção de imaginários espaciais e de mundos vivenciados.

DO CONTINUUM NATUREZACULTURA ÀS MAIS PRÓXIMAS GEOGRAFIAS...

Pensar a imagem como um conjunto de composições pictóricas organizadas ao longo do tempo nos mais diversos suportes é, parece-me, redutor. As discussões em torno das geografias puras e impuras ligadas aos textos oficiais e extra-oficiais que nutrem a construção do imaginário geográfico moderno tem sido actualizadas, de Said a Gregory, contando com os contributos cada vez mais elaborados de autores comprometidos com a descolonização das posições de sujeito no sentido da emanção de outras geografias, geografias capazes de pôr em diálogo os mundos concretos da experiência de indivíduos e grupos, implicados com o acto de reclamar e de fabricar colaborativamente os territórios que habitam e com o acto de criar as suas próprias imagens de auto-representação e as suas políticas identitárias.

Porém no terreno a tarefa é árdua. O esforço teórico é hercúleo e, tantas vezes solitário. A circulação de textos é lenta e os contactos tantas vezes arditamente desfacilitados, por não responderem a projectos oficiais, por não naturalizarem ideologias reinantes. Mais, o esforço teórico é vão se não se encontrar absolutamente imbricado com o esforço da aplicação prática. Teoria e prática nutrem-se mutuamente.

Ora, o esforço de desconstrução de textos e discursos como metodologia de trabalho com vista à co-



-construção de conhecimento, encontra obstáculos que por vezes nos parecem intransponíveis, quando, como educadores, esperamos que proficemos a tarefa da transmissão acrítica. No plano das imagens esta tarefa raia o movimento da esquizofrenia colectiva. Exigem de nós, como investigadores, o desenvolvimento de competências criativas e inovadoras, mas dentro das fronteiras estabelecidas. A insistência nas categorias convencionais de conhecimento, a normalização de textos e discursos, a contabilização das citações e a formalização dos índices bibliométricos. A formação de imaginários espaciais dialogantes não é compatível com estes movimentos de tesouraria. Tal como não o é a formação de uma cultura de co-produção dos territórios habitados.

A desconstrução de textos e discursos não pode ser concebida como modo de silenciar o devaneio de uns quantos cientistas ou excêntricos. A imagem é o devaneio tornado acção. Porquanto, a desconstrução de textos e discursos, a desconstrução das imagens autorizadas pela cultura oficial, carece do devaneio da prática, do risco da deformação espacial, nomeadamente pela intromissão do sonho e da memória tornados lugar de coabitação.

O pensar o espaço implica a intervenção no espaço, no território factual, pelas comunidades que o habitam. Implica, na actualidade, o movimento inverso; o salto do espaço abstracto para o espaço material, um espaço para o qual as imagens funcionam como eco. É necessário não somente perceber a reverberação do eco, mas ir para além dela. Sobretudo, perceber os problemas de escala como o ardil para a reverberação do eco.

A ideia de que temos o domínio do conhecimento do espaço global, tornou-nos observadores passivos relativamente ao conhecimento do espaço local, o lugar em que vivemos e assim, perdido o referente, qualquer imagem pode funcionar como elemento de legitimação de qualquer realidade. A formação de imaginários espaciais dialogantes no mundo contemporâneo implica irmos para além do uso da imagem como ilustração, implica a superação do paradigma do Atlas, o que é toda uma outra relação entre teoria e prática geográfica. Implica a superação de uma estética de contemplação distanciada, como modelo privilegiado, no sentido de uma estética de conexão e de contacto, de aproximação entre sujeitos. Implica a ciência na investigação das interacções entre as pessoas e o mundo material e a as formas em que essas interacções são imaginadas e praticadas, na ciência, na arte e na vida quotidiana.

A tarefa teórica cerzida com a prática remete para a urgência de capacitar os sujeitos para a tarefa crítica de questionamento do sentido mnemónico das imagens, a urgência de projectar os sujeitos num comprometimento partilhado com a construção do lugar que habitam; a produção do Contra-Atlas. A compreensão de como a imagem, de como cada produto cultural, toma forma e se enreda nas nossas vidas, de como os sujeitos estão conectados por práticas da imagem, de como a vida humana e não humana se ligam e se desligam através delas.

Não se trata unicamente de deixar que as imagens nos interpelem, nos olhem, nos questionem, libertando-as da condição de objecto. Não se trata já de



nos abrimos para a singularidade única de cada sujeito-imagem, para nos surpreender como momento de enunciação. É preciso resgatar o poder emancipatório de cada obra para a nossa própria acção, o poder do contacto, congregando teoria e prática nesse esforço de pôr em relação o humano e o não humano, tecnologias, textos, linguagens e concreções. E fazê-lo como verdadeiros artífices dos territórios concretos da experiência dos quais somos autores.

É urgente activar a consciência do circuito ininterrupto entre materialidade e representação. Neste sentido, o método de desconstrução de imagens implica o sujeito multisensorial na tarefa de construção de outros quadros relacionais, numa tarefa de produção de conhecimento em que o espaço de acção é tornado lugar pela assunção da intervenção comprometida e partilhada, pela assunção da autoria. E o activar da consciência do circuito ininterrupto entre materialidade e representação, um circuito de retro-alimentação, implica o comprometimento de todos os sujeitos na própria tarefa de descodificação dos circuitos de produção de conhecimento. Este é, a meu ver, um dos grandes reptos da educação geográfica contemporânea.

A escola, a família, a comunidade, no sentido lato, elegendo-se como edifícios de co-produção de mundos, tornados possíveis pelo gesto de descodificação dos sistemas de signos geográficos, da sua releitura e reescrita. As imagens funcionando como ponto de partida para a identificação de problemas. A superfície de visualização como arena para o exercício de mediação cultural, implicando o credenciamento para regulação

dos conflitos gerados pelo patrulhamento de fronteiras. A imaginação como motor da competência para a acção generativa do espaço, operando a desnarrativização dos textos visuais e vídeo visuais, através do redimensionamento do uso operativo das técnicas, das tecnologias e dos médiuns de produção. O cuidado extremo com a sobreposição.

O comprometimento de cada colectivo de pesquisa, de cada comunidade de afectos, com a mudança. A compreensão de como um produto cultural, como uma imagem, objectiva uma muito específica relação entre ser humano e ambiente físico. O desenho da história dessa relação e a sua análise crítica. A identificação ou rejeição do quadro relacional accionado e a proposta de soluções alternativas envolvendo o uso dos meios de produção transformados em meios de experiência significativa para os sujeitos que, através deles, constroem os seus espaços existenciais. O uso das imagens alteradas, das imagens produzidas pelo grupo, como documento através do qual acedemos a outras paisagens, materiais e simbólicas, através das quais se elaboram propostas de intervenção e se passa à acção de intervenção. O processo de negociação com diferentes actores sociais e instituições, um processo de interacção de mundos tornados possíveis pela simultaneidade dos espaços imaginários, pela exultação da convivialidade com cada Outro sempre de algum modo inapropriado, pela busca de intercepção entre os imaginários espaciais ditos ou descritos, partilhados, sussurrados, como instâncias oníricas de coabitação e a compreensão de que a sua riqueza é tanto maior quanto a possibilidade



da sua concretização material. Neste passo da acção, neste processo de sedução das instâncias múltiplas envolvidas no processo de negociação dos mundos dos diferentes sujeitos, o contrato de cumplicidade funda-se no sentido da imagem para dar origem à deformação espacial, como factor decisivo para o acto de reclamar a autoria sobre territórios e recursos.

A avaliação da acção comunitária, o passo seguinte, acto de reconhecimento íntimo, momento de entrega e comprometimento incondicionais com vista à tentativa de compreensão dos pontos cegos do processo, acto que pela sua intensidade contamina a esfera pública como momento de produção científica, artística e tecnológica. A celebração do sentido primordial do colere, como proposta de outras geografias, ritos fundadores de um novo plano de acção. A escola, no sentido lato, imagem inspiradora, incubadora da co-construção de conhecimento, arriscando o voo, forjando o diálogo entre uma miríade de entidades, entre tantas e as mais diferentes imaginações espaço-temporais.

DA IMAGEM DE MICHAEL NASH (1946) AO FABRICO DA EXPERIÊNCIA...



Figura 1: Warsaw, 1946. Fotografia de Michael Nash.

“Uma mulher sorri em frente à objectiva de um fotógrafo. Atrás dela, está pendurado um telão pintado, um elemento que se popularizou no tempo dos retratos das *cartes de visite*. Tudo isto seria bastante normal caso ambas as personagens - o fotógrafo fotografado e a mulher que ele fotografa - se encontrassem num estúdio. Mas não é isso que acontece. A cena decorre ao ar livre, no meio da neve, tendo como fundo alguns edifícios de Varsóvia destruídos pelos bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial. Parecem não ter sobrado espaços interiores onde este estúdio pudesse estar instalado, mas a vontade de fazer o retrato levou a que o estúdio fosse improvisado. E a mulher sorri, enquadrada por uma paisagem campestre com um palácio romântico ao fundo, pintado no telão.” (José Capela, 2013, Plica).

SOBREPOSIÇÕES!

Esta fotografia interpela-nos pela intercepção de olhares, e dos sentidos. É um testemunho da recusa do sentido fechado das imagens, da força e da vulnerabilidade do espaço de representação, ela força a relação entre espaço material e espaço de representação. Atira-nos para um fora de campo subtilmente fabricado por uma segunda objectiva. Um fora de campo em que somos autores, em cada tempo e ao longo do tempo. Esta obra sublinha o carácter performativo de cada imagem, a importância da desnaturalização dos textos visuais, do questionamento das fronteiras entre realidade e artifício, do poder da representação em paisagem.

Este documento regista uma batalha de lugar em que as células da realidade lutam por significado, enquanto se deleitam na inépcia da (des) identificação, e se desdobram no gozo pantagruélico da comunicação. No limite, este é um jogo de carnavalização de espaços e identidades, um jogo em que o travestismo da paisagem opera o esvaziamento do esforço aurático do protagonismo e da monumentalização.

A possibilidade de gravar a natureza dos fenómenos, mas, mais do que isso, de revelar constelações de naturezas originais, ou, a sua ideia. E, deste modo, esta imagem exige do observador o engajamento no acto criativo de produção de significados.

A objectiva que nos abre o espaço de enquadramento, questionando o efeito de técnicas e tecnologias seculares de produção de imagem, questiona a verdade da perspectiva linear, da profundidade de campo, força a reflexão sobre o trabalho da imagem e o seu fabrico psicogeográfico. A imagem entrega-nos a responsabilidade de compreensão do espaço como entidade semiótico-material. Experimentado através de estratégias representacionais e vivenciado por meio de complexas imagens e símbolos o espaço está associado aos lados mais subterrâneos e clandestinos da vida dos sujeitos. Por isso, este espaço não obedece às leis de consistência e coesão social mas sim à vivência directa estruturada por centros afectivos, dado abraçar o locus da paixão, da acção e das situações vivenciadas. O espaço vivenciado directamente e articulado em sistemas representacionais constitui o domínio da experiência, tendendo para sistemas menos coerentes de símbolos e sinais não ver-



bais. Como espaço qualitativo que é este espaço celebra a particularidade e, embora superficialmente possa não parecer diferente, tal celebração da particularidade corporal e experiencial que irradia do seu âmago faz dele um espaço diferencial.

Enquanto práticas que tornam secreto o espaço de uma sociedade, as práticas espaciais desenvolvem-se em íntima relação com as práticas da imagem. Elas englobam paralelamente a produção e a reprodução, a concepção e a execução, oferecendo mediação para aquilo que é percebido, concebido e vivenciado. Cada uma destas instâncias lefebvrianas do espaço é internalizada pelas outras, adquirindo significado através delas. Se a cultura visual tão frequentemente nos catapulta para a reprodução passiva dos sistemas ideológicos que fundam a produção social do espaço, através de uma imagem podemos desenvolver formas diferenciais de pensar o espaço e os conceitos associados que compõem, incluem e infundem a inerente espacialidade da vida humana, da vida das coisas.

O fabrico de métodos de descodificação do espaço e descolonização da linguagem visual encontra-se imbricado com o fabrico de uma sensibilidade crítica e emancipatória, passível de expandir o alcance da imaginação geográfica estabelecida. Encontra-se imbricado com a diferença, como com a introdução recorrente da singularidade no processo de co-construção de geografias mais do que humanas. Esta perspectiva, por seu turno, encontra-se associada a uma imaginação geográfica difractiva que decorre da compreensão teórico-prática do momento de produção e consumo de cada

imagem, encontrando-se associada à vontade de ampliar projectos de viragem ontológica como dimensões existenciais e como formas de repensar o mundo. Para que a metáfora da sobreposição se torne avenida para o sonho, e nunca cortina por trás da qual se escondem ruínas.



BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, A.F. **A Experiência de Paisagem**. Porto e Lisboa: CEG/FCT/Figueirinhas, 2012.

BARBER, B. 'Art History's Significant Other'. In M. A. Cheetham, M. A. Holly e K. Moxey. **The subjects of Art History. Historical Objects in Contemporary Perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 262-287.

Barthes, R. (1980). **The Grain of the Voice**. New York: Hill and Wang.

BAKHTIN, M. **Art and Answerability**. Early Philosophical Essays. Austin: University of Texas Press, 1990.

BELLOUR, R. Le blocage symbolique, **Communications**, n. 23, p. 235-250, 1975.

BENJAMIN, W. **The Work of Art in the Age of its Technological Reproducibility, and Other Writings on Media**. Harvard University Press, 2008.

BHABHA, H. **The location of culture**. London e New York: Routledge. Edição Routledge Classics, 2004.

CAPELA, J. **Plica**, nº1, EA:UM, 2013..

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Nomadology**. New York: Semiotext, 1986.

DERRIDA, J. **L'écriture et la différance**. Paris: Editions du Seuil, 1967.

DEUTSCHE, R. Surprising Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, n. 85, v. 1, p. 168-175, 1995.

DIDI- HUBERMAN, G. **L'Image survivante: histoire de l'art et temps des fantômes selon Aby Warburg**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.

FOUCAULT, M. **L'Ordre du discours**. Paris: Gallimard, 1971.



FRIEDBERG, A. **Window shopping. Cinema and the postmodern.** Berkeley, Los Angeles e London: University of California Press, 1994.

GIBSON-GRAHAM, J. K. 'Postmodern Becomings: From the Space of Form to the Space of Potentiality'. In G. Benko e U. Strohmayr, eds., **Space and Social Theory.** Oxford: Blackwell, 1997, pp. 306-323.

GOMBRICH, E. H. **Art & Illusion. A study in the psychology of pictorial representation.** London e New York: Phaidon, 2002.

GREGORY, D. **Geographical Imaginations.** Oxford e Malden: Blackwell Publishers, 1994.

HARAWAY, D. **Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature.** New York: Routledge, 1991.

HEYWOOD, I.; SANDYWELL, B. (eds). **Interpreting Visual Culture.** London e New York: Routledge, 1999.

JAMESON, F. **The geopolitical aesthetic.** Bloomington e London: Indiana University Press e British Film Institute, 1995.

KUHN, A. **Family Secrets: Acts of Memory and Imagination.** London: Verso, 1995.

LACAN, J. **Ecrits: A Selection.** London: Tavistock, 1977.

LATOUR, B.; WEIBEL, P. (eds.). **Iconoclash - Beyond the Image Wars in Science, Religion and Art.** MIT Press, 2002.

LATOUR, B. **Cogitamus. Six lettres sur les humanités scientifiques.** Paris: La Découverte, 2010.

LAW, J.; BENSCHOP, R. **Resisting Pictures: Representation, Distribution and Ontological Politics.** In K. Hetherington e R. Munro, Ideas of difference: social spaces and the labour of division, p. 158–182. London: Sage, 1997.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace.** Paris: Anthropos, 1974.



MERLEAU-PONTY, M. **La prose du monde**. Paris: Gallimard, 1969.

MORIN, E. **Le cinéma ou l'homme imaginaire: essai d'anthropologie sociologique**. Paris: Les Ed. de Minuit, 1956.

NOGUEIRA, L. **La risa del espacio**. Madrid: Tecnos, 1997.

PANOFSKY, E. **Perspective as symbolic form**. New York: Zone Books, 1993.

RIEGL, A. **Historical Grammar of the Visual Arts**. New York: Zone Books, 2004.

SCHOPENHAUER, A. **On the Basis of Morality**. Berghahn Books, 1995.

TAUSSIG, M. **Mimesis and alterity**. New York: Routledge, 1993.

TRINH, T. Minh-Ha, ed. 'She, The Inappropriate/d Other, focusing on postcolonial women as writing and written subjects'. **Discourse**, n. 8, 1986.

VIRILIO, P. **The vision machine**. Bloomington, Indianapolis e London: Indiana University Press e British Film Institute, 1995.

WHATMORE, S. **Hybrid geographies**. London, Thousand Oaks e New Delhi: Sage Publications, 2002.

WRIGHT, J. K. Terrae Incognitae: The Place of the Imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, n. 37, v. 1, p. 1-15, 1947.

